



# VIOÊNCIA PSICOLÓGICA: UM ESTUDO DO FENÔMENO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

*Sonia Maria Ferreira Koehler*

*Koehler@guaranet.com.br*

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Práticas pedagógicas enquanto fonte de violência

O discurso atual dos educadores valoriza, cada vez mais, o exercício contínuo da reflexão do professor sobre as conseqüências de suas ações na prática escolar, contudo, percebe-se que o professor ainda não consegue identificar na cultura escolar algumas fontes de violência, inclusive aquelas geradas pela sua própria prática enquanto professor.

Portanto, a intenção básica deste estudo é revelar que, na dinâmica das relações interpessoais do professor-aluno, dentro da instituição escolar, ocorre uma forma de violência que não deixa marcas explícitas, identificáveis, – a violência que se revela através das palavras, dos gestos e que pode ser denominada Violência Psicológica.

A partir de uma abordagem emergente, defendida mais especificamente por Azevedo e Guerra (2001) de que: a)“infância e juventude devem ser entendidas como construção social”; b)“infância e a juventude não devem ser compreendidas como fenômenos universais e únicos, mas sim em relação à classe, gênero<sup>1</sup>, etnia etc.”; c)“o relacionamento da infância e juventude com a sociedade deve ser estudado à luz da própria perspectiva da infância e juventude e não a partir da visão dos adultos”; d)“as crianças e os jovens devem ser vistos como sujeitos da construção e da determinação de suas próprias vidas”, assim, este trabalho diferencia-se pelo levantamento de dados que demonstram, a **prevalência**<sup>2</sup> deste tipo de violência dentro da escola. Um tipo de violência que não é fácil constatar, pois é invisível, muitas vezes silenciosa, verbal ou simbólica na expressão corporal/gestual do professor; e que, geralmente ocorre no interior da sala de aula.

Na interação entre as pessoas, dizemos que há influência quando, uma delas, por aquilo que diz ou faz, afeta a outra, modificando seu modo de proceder, suscitando sentimentos, sendo que essas modificações e sentimentos são fatores determinantes do que a pessoa disse e/ou fez. É como se uma força emanasse de uma pessoa para outra, condicionando seu modo de se comportar (Rúdio, 1990).

Certamente remeter a otimização da educação ao plano exclusivo das relações interpessoais é uma concepção ao mesmo tempo ingênua e reducionista. No entanto, não podem os professores, enquanto pessoas que estão na função de educadores, eximir-se das implicações de seus ATOS no processo ensino-aprendizagem, nas relações humanas e na intervenção direta sobre a constituição da personalidade das crianças e adolescentes.

<sup>1</sup> Neste estudo adotamos a utilização da terminologia “gênero” que conota a dimensão psicológica e cultural da vida humana. Entre outros estudos Cf. CARVALHO, Marília P. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. Sílvia A. MARTINEZ. Questão de gênero e formação de professores(as).

<sup>2</sup> Prevalência – refere-se ao número de sujeitos de um dado segmento populacional que relatam haverem sido vítimas do fenômeno passado.



A escola deve contribuir para a humanização da criança enquanto ser em desenvolvimento; deve ser reparadora das mazelas da violência que permeiam nosso cotidiano nestes últimos tempos. Nas conquistas e desafios da Declaração Universal de Direitos Humanos, incluem-se o exercício *da e na cidadania*, a ética, os valores morais; estes sem dúvida, devem ser vivenciados na escola, culminando com o (re)significado da infância no século XXI, a partir da legitimação dos direitos da criança e do adolescente, garantidos pelo ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL.Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990).

## 2. VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: O MARCO CONCEITUAL

Violência escolar é uma das modalidades da violência institucional que Tomkiewicz (1997, p.310) define como “toda e qualquer ação cometida dentro de uma instituição, ou toda ausência de ação que cause à criança um sofrimento físico ou psicológico inútil e/ou bloqueie seu desenvolvimento posterior”. Esta definição, segundo o autor, engloba todo o tipo de instituição: o meio familiar, as delegacias de polícia, os centros destinados a proteger e recuperar crianças, hospitais e escolas ou qualquer tipo de instituição educativa.

Violência, por sua vez, foi muito bem caracterizada, por Chauí[a](1985, p.23-62) e Adorno[b](1988, p.3):

[a] Entendemos por violência uma realização determinada de força tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como uma violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois ângulos. Em primeiro lugar, como uma conversão de uma diferença e de uma assimetria, numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e de opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência.

[b] Ao mesmo tempo que ela expressa relações entre classes sociais, expressa também relações interpessoais(...) está presente nas relações intersubjetivas, aquelas que se verificam, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre profissionais de categorias distintas. Seu resultado mais visível é a conversão de sujeitos em objetos, sua coisificação. (...) A violência é simultaneamente negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade, a vida.

A violência escolar pode envolver tanto a **Violência entre Classes Sociais** (violência macro) como a **Violência Interpessoal** (violência micro). No primeiro caso, a escola pode ser cenário de atos praticados contra ela (vandalismo, incêndios criminosos, atentados em geral). No entanto, a escola - enquanto organismo de mediação social – também pode ser veículo da violência de classe: a violência da exclusão e da discriminação cuja resultante maior tem sido o fracasso escolar.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> A literatura sobre o fracasso escolar no Brasil e seu significado ideológico é bastante grande e destacam-se os seguintes trabalhos ( Maria Helena de Souza PATTO, **Introdução à Psicologia Escolar**, 1981, **Psicologia e Ideologia**, 1984, **A Produção do Fracasso Escolar**: histórias de submissão e rebeldia, 1996, **Mutações do Cativo**: escritos de psicologia e política, 2000, e Cecília A. L. COLLARES, e M. Aparecida A. MOYSÉS, **Preconceitos no Cotidiano Escolar** : ensino e medicalização, 1996, São Paulo: Cortez .)



No segundo caso, a escola também pode ser cenário de relações interpessoais de violência: relações intergeracionais (professor-aluno, por exemplo) e relações intrageracionais (aluno-aluno). Embora sejam sempre relações interpessoais, essas formas têm razões e impactos diversos; daí selecionarmos para estudo a **violência professor-aluno**, em especial a que ocorre entre as quatro paredes da sala de aula, local por excelência do encontro mestre-estudante. É neste ambiente, que a interação deveria acontecer de forma respeitosa, sem coerção, sem “coisificar”; mas é neste local que pode ocorrer a construção de uma cultura abusiva no relacionamento interpessoal, no que diz respeito à responsabilidade do professor sobre a criança e/ o adolescente.

Apesar do impacto da Violência Psicológica sobre os alunos – a curto e/ou a longo prazo, as referências bibliográficas sobre a questão são raras e genéricas, notadamente por ser um conceito difícil no tocante a seu reconhecimento.

A revisão bibliográfica demonstra que os atos violentos estão sujeitos a um grande sistema de relações interpessoais, nas quais as emoções, os sentimentos, os aspectos cognitivos estão presentes no âmbito educativo; na verdade, o problema começa quando se aborda o conflito através do exercício da autoridade, do castigo, das humilhações, provocando um clima de tensão dentro da sala de aula, o qual o professor não sabe resolver, pois o núcleo desta questão está submerso em um currículo oculto de relações interpessoais no processo ensino-aprendizagem.

Na área das relações familiares, Azevedo e Guerra (2001b, p.29-33) mapearam os principais termos e conceitos encontradas em artigos e livros científicos, teses e dissertações, produzidos internacionalmente no período de 1976/2001, referentes à Violência Psicológica Doméstica.

Fica evidente que, entre os termos, o que mais aparece é **maltrato e/ou maus tratos** como no ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (1990); no entanto, outros termos como: maltrato mental, (Hart, 1987), abuso psicológico (Garbarino, Guttman e Seeley, citados por Iwaniec, 1996), abuso não físico, violência não física, privação emocional (Bowlby, 1990), tortura psicológica (Gil, 1984), violência verbal e chantagem emocional (Forward, 1998), abuso verbal (Evans, 1996) também são encontrados na literatura internacional.

Segundo Azevedo e Guerra (1998, p.177) “violência psicológica - também designada como tortura-psicológica ocorre quando pais ou responsáveis constantemente depreciam a criança, bloqueando seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe grande sofrimento mental”. Se acrescentarmos a pais ou responsáveis, os professores, essa conceituação poderá ser adotada para identificar também violência psicológica na relação professor/aluno. É preciso observar que a definição privilegia o termo “violência” na medida em que este explicita tratar-se de uma *relação assimétrica de poder*, sem demandar especificações culturais posteriores como é o caso dos termos maltrato, abuso.

## 2.1. Critérios para a identificação do fenômeno

Para realizar a pesquisa sobre o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes - e em especial – sobre a **violência psicológica**, é necessário dispormos de indicadores que nos facilitem a identificação do fenômeno; trabalhando no âmbito da **violência psicológica doméstica**, em 1995, a “American Professional Society on the Abuse of Children” (APSAC)<sup>4</sup>, elaborou um guia prático para fornecer pistas de reconhecimento das formas assumidas por essa violência:

“\**Rejeição*: as necessidades imediatas da criança não são reconhecidas como legítimas, não são valorizadas; há uma diferença expressiva no modo de tratamento entre a criança que não é reconhecida em comparação às outras;

<sup>4</sup> Cf. APSAC. Guidelines for Practice. Site [www.apsac.org](http://www.apsac.org).



\**Denegrir/difamar*: pode estar associado à rejeição; o ato de depreciar a criança publicamente é uma manifestação do adulto sob forma de humilhação pública; está no uso de qualificação como apelidos que ridicularizam, inferiorizam e/ou comparam comportamentos de outra(s) criança(s);

\**Terrorismo*: “clima” especialmente ameaçador, atinge a segurança da criança, sempre supondo o comportamento imprevisível do adulto; o terrorismo se caracteriza por ameaças de abandono, castigos, exigências irreais para a criança, crises de cólera excessiva e imprevisível;

\**Isolamento / confinamento*: impedimento da criança de se relacionar, brincar, ter amigos, enfim, participar de atividades comuns de criança em casa ou na escola;

\**Indiferença frente às demandas afetivas da criança*: contrária à rejeição que é explícita – ativa – a indiferença se manifesta por um comportamento passivo de negligência, indiferença às necessidades afetivas e de relacionamento da criança;

Patrícia Evans em sua obra “ The Verbal Abuse and Relationship”, (1996, p. 81), também procura explicar o relacionamento entre casais, e a violência sofrida pela mulher, categorizando, conceituando e exemplificando diferentes ATOS nos quais o *abuso verbal* pode ser reconhecido no relacionamento humano.

No entanto, a autora também compreende a violência psicológica como uma violência que envolve o abuso de poder, o controle sobre o outro e elenca uma série de ações/ATOS que são por ela, denominadas como “categorias do abuso verbal”: decidir pelo outro; ir contra o desejo/necessidade do outro; desaprovar; causar insegurança com ameaças e promessas; causar dano no desenvolvimento/emocional; chamar o outro com

“ palavrões”; esquecer e desprezar; acusar o outro de uma coisa que não é verdade.

Essas formas de comportamento, psicologicamente violento, envolvem pelo menos três dimensões: **poder** - no sentido de “resolver pelo outro” e estão explicitados nas seguintes palavras: decidir, ir contra, impedir, acusar, dar ordens, mandar fazer, causar insegurança, ameaçar; **humilhação**: “ridicularizar, chamar por palavrões, desaprovar”; **coisificação** do outro: “esquecer e desprezar, não levar em conta o valor/ desejo/ necessidade do outro, cometer injustiça”.

Abramovay (2002), adverte que ao analisar as escolas, não basta focalizar atos criminosos extremos, como vandalismos, roubos, brigas entre alunos, desrespeito a professores, depredações, extorsão, mas também “as violências simbólicas, verbais, morais, psicológicas” dos funcionários contra os alunos.

O “silêncio da academia” sobre essa questão contrasta com o fato de que atos hoje observados nas práticas escolares, podem ser classificados como Violência Psicológica, sendo praticados em nosso País, desde o tempo do Brasil colonial. No entanto, nem sempre somos capazes de identificar essas práticas como violência, muito menos as crianças e adolescentes que as sofrem, pois, ideologicamente são justificadas em nome da “boa educação”.

### 3. OBJETIVOS : O ESTUDO CONTEMPLA TRÊS QUESTÕES – CHAVE

- A Violência Psicológica (VP) ocorre nas relações professor-aluno do Ensino Fundamental?
- Qual o perfil da Violência Psicológica (VP) em termos de práticas pretensamente pedagógicas e dos sentimentos dos alunos face a essas práticas?
- Violência Psicológica (VP) professor/aluno: questão de gênero ou de escola ?



## 4. A ABORDAGEM METODOLÓGICA : OUVIR A VOZ DOS ADOLESCENTES

Foi escolhido o método de pesquisa “Survey amostral” (Babbie, 1999), para ouvir o que os adolescentes têm a dizer. Ouvir crianças e/ ou adolescentes ainda é um tipo de pesquisa pouco utilizado nos meios acadêmicos. E, especificamente, na relação professor-aluno, esse enfoque do fenômeno da violência psicológica é, provavelmente, inédito. Trata-se especificamente de registrar as marcas que ficaram na memória do adolescente sobre as suas experiências de relações interpessoais com o “pior professor” enquanto eram crianças.

### 4.1. O instrumento de pesquisa

Foi elaborado e aplicado um questionário contendo 31 questões, além de um desenho do professor e frase a respeito do mesmo, cujo objetivo principal é saber as características do “*pior professor desde o dia em que o jovem, sujeito dessa pesquisa, iniciou sua vida na escola*”.

### 4.2. O questionário foi estruturado em três blocos

- *sobre o aluno* – questões sobre o tipo de escola, período, gênero, idade, possível repetência, série, etnia, situação ocupacional da família;
- *sobre o perfil do “pior” professor* – perguntas sobre o gênero, idade, disciplina e série que ensinava na época e tipo de escola, bem como o tempo em que o sujeito foi aluno desse professor e a idade do mesmo;
- *sobre a vida do aluno com esse professor* – itens buscando identificar as ações dos professores consideradas como violentas, a frequência respectiva e os sentimentos que os sujeitos experimentavam diante das ações dos professores.
- Os itens enfocam, especificamente, ações como: gritar, chamar de algum tipo de palavrão, apelidar, chamar atenção frente à classe, profetizar o insucesso futuro do aluno como adulto, falar mal da família, comparar com outras crianças, mandar para fora da sala, rasgar o caderno.

Este último bloco termina com um espaço destinado a um desenho livre representando o professor descrito pelo aluno no instrumento.

O questionário envolveu questões fechadas e abertas. Para a análise das questões abertas, foi utilizada a técnica de “categorização” que pertence ao conjunto de técnicas da análise de conteúdo (Bardin, 1977, p. 117).

## 5. PROCEDIMENTO

Pediu-se a cada sujeito que pensasse somente no seu(sua) “pior professor(a)” desde o dia em que havia entrado no universo escolar e respondesse as questões relativas ao perfil e ATOS desse(a) professor(a), bem como os próprios sentimentos face aos mesmos.

Como Azevedo e Guerra (2001b, p. 56) “(...) propositadamente evitamos (no instrumento aplicado) a designação VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA (...). Dentro do referencial teórico adotado, optamos por investigar a consciência ingênua dos sujeitos acerca das práticas de tratamento (...) vivenciadas por eles(...)”.



Portanto, consideramos pertinente evitar a expressão “Violência Psicológica” no instrumento de pesquisa garantindo a fidedignidade no instrumento. Assim, ela poderá ser replicável em qualquer cultura e/ou grupo (s) diferenciados. Poderá ser replicável em regiões que convivem notadamente com a violência, inclusive em faixas etárias diferentes, buscando a validade de constructo, sem que os sujeitos tenham necessidade de compreender, cientificamente, a terminologia “Violência Psicológica”, usada neste estudo.

## 6. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa realizou-se em **Guaratinguetá, Estado de São Paulo/Brasil**.

O Município de Guaratinguetá está situado no Vale do Paraíba, entre as serras de Quebra Cangalha e da Mantiqueira, no nordeste do Estado de São Paulo. Dista 178 Km de São Paulo e 254 Km do Rio de Janeiro.

### 6.1. Os sujeitos da pesquisa: Amostra do estudo

Optou-se por estudar alunos matriculados, na 8ª série das escolas da Rede Pública e Particular no município de Guaratinguetá, São Paulo, Brasil, no ano de 2001.

Essa opção decorreu da seguinte ordem de considerações: os alunos desta série já vivenciaram alguns anos de escola e assim já possuem condições de avaliar “o comportamento” dos professores; a faixa de idade permite identificar e nomear seus próprios sentimentos, distinguindo com clareza e crítica o adulto que ajuda ou atrapalha seu desenvolvimento.

Por ocasião da pesquisa – 1º semestre de 2001 na amostra total, 49,0% possuíam, na época, 14 anos de idade. A participação se dá em todas as idades, desde 13 anos até de 16 anos. Nesta amostra foram consideradas duas sub-amostras: a de alunos da Rede Pública de Ensino e a da Rede Particular de Ensino. Dentro de cada Rede de Ensino foram consideradas outras duas sub-amostras : a de alunos do gênero feminino e a de alunos do gênero masculino.

A tabela que será apresentada a seguir refere-se ao perfil dos alunos pesquisados que, no total, são 516 sujeitos - quatro alunos de uma escola particular recusaram-se a participar da pesquisa - portanto 441 da Rede Pública e 75 da Rede Particular.

**TABELA nº 1** - Comparação entre os números amostrais 8ª série do Ensino Fundamental/2001 (Séries Finais) – Redes de Ensino

|                | Rede Pública |      | Rede Particular |      | Total      |      |
|----------------|--------------|------|-----------------|------|------------|------|
| Nº de Escolas  | 17           |      | 06              |      | 23         |      |
| Nº de Alunos   | 1.858        |      | 323             |      | 2.181      |      |
| <b>Amostra</b> | <b>441</b>   |      | <b>75</b>       |      | <b>516</b> |      |
| Gênero         | Masc.        | Fem. | Masc.           | Fem. | Masc.      | Fem. |
|                | 223          | 218  | 41              | 34   | 264        | 252  |

Os 516 sujeitos – 49% meninas e 51% meninos freqüentavam as Escolas da Rede Pública e Particular, representando 23,61% da população da 8ª série, matriculados no município de Guaratinguetá no ano de 2001.



## 7. RESULTADOS

### 7.1. Respondendo a questão - chave A

A Violência Psicológica ocorre nas relações professor-aluno nas escolas de Ensino Fundamental no município de Guaratinguetá?

Os ATOS de Violência Psicológica estiveram presentes na trajetória escolar de 488 sujeitos, o que equivale a 94,6% de toda a amostra.

Analisando separadamente as subamostras de cada Rede de Ensino constatamos que:

- Na Rede Pública a prevalência foi de 416 sujeitos ( 296 do gênero feminino e 120 do gênero masculino) 94% conforme.
- Na Rede Particular a prevalência foi de 72 sujeitos ( 48 do gênero feminino e 24 do gênero masculino) 96% conforme.
- Os dados mostram que o fenômeno da Violência Psicológica atinge indiscriminadamente meninos e meninas de ambas as Redes Particular e Pública do Ensino Fundamental – Séries Iniciais – no município de Guaratinguetá.
- Nas duas Redes de Ensino por ordem de maior frequência aparecem os ATOS de gritar, humilhar e comparar depreciando.

**Tabela nº 2** – distribuição dos professores pelos ATOS de Violência Psicológica – independente de gênero.

| <b>Ato</b>                  | <b>Pública * (%)</b> | <b>Particular* (%)</b> | <b>Toda amostra* (%)</b> |
|-----------------------------|----------------------|------------------------|--------------------------|
| <b>Gritar</b>               | <b>32,9</b>          | <b>31,9</b>            | <b>32,8</b>              |
| <b>Humilhar alunos</b>      | <b>28,1</b>          | <b>27,8</b>            | <b>28,1</b>              |
| <b>Comparar depreciando</b> | <b>18,0</b>          | <b>8,3</b>             | <b>16,6</b>              |
| Outros ^                    | 7,9                  | 11,1                   | 8,4                      |
| Ameaçar alunos              | 7,2                  | 6,9                    | 7,2                      |
| Atirar objetos              | 1,9                  | -                      | 1,6                      |
| Mentir                      | 1,7                  | 6,9                    | 2,5                      |
| Agredir fisicamente         | 1,2                  | -                      | 1,0                      |
| Quebrar objeto              | 0,5                  | 1,4                    | 0,6                      |
| <b>Base</b>                 | <b>416</b>           | <b>72</b>              | <b>488</b>               |

\* Dez alunos não informaram: 9 da Rede Pública e 1 da Particular.

### 7.2. Respondendo a questão - chave B

Qual o perfil dessa violência em termos de práticas pretensamente pedagógicas e dos sentimentos dos alunos face a essas práticas?



Para responder a esta questão consideramos três grupos de indicadores:

- As respostas dos sujeitos que nomearam seus sentimentos face aos ATOS do “pior professor” considerando as freqüências “nunca”, “uma vez”, “de vez em quando” e “muitas vezes”.
- As características do “pior professor” como a faixa etária e a disciplina lecionada na série, época, que os sujeitos conviveram com este professor.
- Os desenhos produzidos pelos sujeitos e representativos do “pior professor”.

Como demonstram os dados estatísticos, o perfil dessa Violência foi revelado a partir das respostas dos sujeitos que nomearam e registraram seus SENTIMENTOS de vergonha, humilhação e raiva, que segundo os estudos de La Taille (2002, p.78): “A associação entre vergonha e humilhação encontra-se justamente, no sentido do rebaixamento, inferioridade (...)” . Foram ainda quantificados significativamente os seguintes ATOS do “pior professor: chamar atenção na frente da classe; dizer que o aluno não será “nada ou ninguém na vida”; falar mal da família do aluno; comparar os alunos; mandar para fora da sala de aula; rasgar o caderno do aluno; apelidos de ordem física e ordem moral.

### 7.2.1. Características do “pior professor (a)”

São significativos os dados estatísticos que revelaram a faixa etária e a disciplina que “o pior professor” lecionava.

### 7.2.2. A faixa etária do professor

Considerando toda a amostra, a maioria dos alunos avalia os piores professores com a idade de 36 anos ou mais. Verifica-se que este julgamento da Violência Psicológica vai crescendo com a idade dos professores. Foi atribuída a idade de menos de 20 anos a apenas 2,0% dos professores, 30,6% possuíam mais de 40 anos, este fenômeno ocorre tanto na Rede de Ensino Pública (menos de 20 anos – 1,9% ; mais de 36 anos – 54,1%) e na Rede Particular (menos de 20 anos - 2,2 % ; mais de 36 anos – 75,5%).

Um dado importante vem da Rede Particular, na qual 55,5% dos professores têm acima de 40 anos, caracterizando-se como mais velhos que na Rede Pública, e sendo que as mulheres professoras são as que mais gritam. Este dado confirma a teoria de Huberman In: Nóvoa, 1992), ao demonstrar as fases de transição e crises na carreira docente, demonstrando que a partir dos 40 anos há uma tendência para o desinvestimento na carreira do profissional - professor, desencadeando o que o autor denomina de “síndrome de respostas de sentimentos negativos, como irritabilidade e ansiedade.

### 7.2.3. Os anos de experiência na carreira e a idade cronológica do professor

Huberman propõe a seguinte caracterização para o estudo do “ciclo de vida” dos professores: a) a entrada na carreira; b) a fase de estabilização; c) a fase de diversificação; d) distanciamento afetivo; e) conservantismo; f) desinvestimento (sereno ou amargo).

Esta fase, aparece como “meio da carreira” (grifos do autor), um período que se situa entre os 35 e 50 anos ou entre o 15° e o 25° anos de ensino.

**A fase da carreira considerada mais estressante foi a do 21° ao 30° ano, conforme atestam 60% dos professores (...) pode-se supor que as professoras tenham uma tendência a considerar a faixa de tempo do magistério em que se encontram atualmente como mais estressante; é possível que, em retrospecto, as professoras lembrem-se dos primeiros anos de magistério como não estressantes (...) Além disso um número significativo de professores na faixa de 21° a 30° anos de magistério adota a jornada integral de trabalho para garantir uma aposentadoria melhor (Reinhold, 1984).**



Os dados apresentados permitem uma correlação entre o estresse dos professores, as características da violência psicológica descritas pelos sujeitos e o processo descrito por Huberman sobre o Ciclo de Vida dos Professores a partir da 3ª fase, quando se inicia o processo de distanciamento afetivo, culminando com o desinvestimento da profissão.

Tais dados vêm evidenciar o reconhecimento da violência psicológica na dinâmica da relação professor-aluno. Os conflitos interpessoais, o mau relacionamento com os colegas, a exaustão emocional, as frustrações com a profissão, desencadeiam manifestações negativas para com as pessoas no trabalho: raiva, irritabilidade, nervosismo, impaciência, ansiedade e sintomas psicossomáticos como dores no corpo.

#### 7.2.4. A disciplina lecionada e os Atos de Violência Psicológica

Considerando toda a amostra, a maioria dos alunos informa que os professores propensos aos ATOS de Violência Psicológica lecionam Matemática, (30,7%), seguidos dos de História, (23,4 %) e de Português (20,1%). Analisando-se, dentro das Redes de Ensino, verifica-se que na Pública se repete o observado em toda amostra (Matemática – 31,5% e História - 22,6%). Na Rede Particular, foi mais citada a disciplina História (28,0%), seguida da mesma participação, (24,6%) nas disciplinas de Matemática e Português.

### 7.3. Apresentação e Análise dos desenhos

O último item do instrumento da pesquisa foi reservado ao sujeito para que desenhasse o professor. Sugeriu-se também que escrevessem uma frase a respeito do desenho. Foram analisados 465 desenhos da amostra total, a partir da primeira análise denominada “impressão geral” (Klepsch & Logie, 1984, p.51).

#### 7.3.1. Os procedimentos de análise dos desenhos

O desenho é considerado uma técnica projetiva e é compreendido por psicólogos, educadores e psicanalistas como um instrumento capaz de revelar a maneira como o sujeito, consciente ou inconscientemente, percebe o mundo que o rodeia, percebe a si mesmo ou as outras pessoas significativas de sua vida.

Reforçando estas colocações acima, encontramos nos estudos de Tardivo (1998) e Grassano (1996, p. 388), a seguinte colocação: “a produção gráfica, relativa à representação simbólica obtida, condensa e transmite tanto os modelos dominantes de vínculo objetal como dados sobre a configuração física atual e passada, fatos traumáticos(...) sofridos e acontecimentos de toda índole que incidiram na estruturação da personalidade”.

Segundo Klepsch & Logie (1984, p.156-158) a avaliação e interpretação dos desenhos enquanto medida de atitudes deve ser feita em três níveis: a) impressão geral; b) indicadores específicos; c) frases e mensagens incluídos nos desenhos.

Os indicadores foram extraídos da análise dos 465 desenhos que representavam o professor e submetidos a uma categorização temática:

- **Figura humana – atitudes desfavoráveis:** professor autoritário, agressivo (a), punitivo(a); professor(a) rangendo os dentes; gestos que demonstram o poder por exemplo, braços erguidos, braços em riste; mãos na cintura, rosto sisudo, olhar de reprovação, régua na mão do professor em posição ameaçadora (36,2%);
- **Figuras mitológicas que causam medo:** bruxa, demônio com tridente e chifres; monstros (23,8%);
- **Figuras humanas ridicularizadas/humor:** nariz enorme, corpo desproporcional, gordos, descabelados (14,7%);



- **Figura humana- aspectos intelectuais ou cognitivos da aprendizagem:** professor com livro, óculos destacados no desenho, livro aberto, camisa do professor com operações matemáticas; quadro negro com operações matemáticas; mesa com livro (9,8%);
- **Ambiente:** sala de aula; mesa, carteiras com alunos (5,6%);
- **Figura humana - atitudes favoráveis:** em relação ao professor/escola; sorriso no rosto do professor, professor com os braços abertos; coração na camisa (4,4%);
- **Objetos:** caderno, garrafa de pinga, lousa; tubo de cola, livro, régua (3.3%);
- **Figura de um animal:** vaca, macaco, cobra; baleia; cachorro (2,2%).

#### 7.4. Respondendo a questão - chave C

Violência Psicológica professor/aluno: questão de gênero ou escola ?

Os dados da amostragem indicam que a Violência Psicológica acontece independente do gênero ou do tipo de escola. Trata-se de um fenômeno majoritariamente presente nas práticas pedagógicas das salas de aula, a ponto de marcar as lembranças escolares de gerações de estudantes. O “pior professor” eleito pelos alunos, 70,9% pertencem ao gênero feminino e 29,1% ao gênero masculino. No entanto devemos considerar que historicamente, já há algumas décadas, a maioria dos professores é do gênero feminino.

E próprio da ideologia machista considerar a mulher como responsável por cuidar de crianças, a sociedade incorpora esta idéia e a transmite de geração em geração (Saffioti, 1987). No processo da contra-cultura, aos poucos a mulher vem adquirindo o status de motorista dos filhos, babá, costureira, doceira, enfim, permanece socialmente responsável pela manutenção da ordem na residência e pela criação e educação dos próprios filhos e/ou pelos filhos dos outros. Em nossa sociedade, pertencer ao gênero feminino, é estar constituída pelos condicionamentos sociais do que é e do que não é feminino: submissão, obediência, capricho, paciência... o seu contrário: competitividade, independência, discutir política, liderar uma organização empresarial, ainda se opõe aos modelos de feminilidade vigentes no imaginário dos homens e de muitas mulheres.

Legitima-se assim, **a mulher-professora**, uma profissão inerente a condição de mulher na tarefa de educar. A mulher submissa e subjugada ao homem, ao macho, ao marido, reproduz a relação assimétrica de poder na figura da professora. Surge a mulher mandona, que faz do ambiente escolar uma “extensão do ambiente doméstico”. Esta mulher professora que “grita, humilha, envergonha, ameaça, ridiculariza, comete injustiças, enfim, reproduz com crianças e adolescentes os ATOS de Violência que durante séculos, vem sofrendo no âmbito doméstico.

## 8. OS RESULTADOS DA PESQUISA

Os rumos desta pesquisa possibilitaram, estatisticamente, demonstrar “a partir da voz dos adolescentes” a prevalência do fenômeno da Violência psicológica” na relação professor-aluno. Nos “ATOS dos professores e nos SENTIMENTOS” frente a estes ATOS.

O contexto atual mostra-nos que a violência no mundo adulto, tem aguçado a situação de risco de crianças e jovens, além de reproduzir os valores desumanos. Precisamos compreender que uma das possibilidades para se atingir o paradigma de pleno desenvolvimento humano está em investir nas relações interpessoais, na educação e portanto, na pessoa do professor como educador.



Quando o professor sente-se desautorizado, desrespeitado ou impotente diante da indisciplina ou da **atitude** rebelde do aluno, sua reação transforma-se nos ATOS de Violência Psicológica, detectados nos dados deste estudo, possibilitando respostas verbais e/ou corporais de ambas as partes; a pessoa do professor (a) fragilizada, impotente, fica impedida de exercer sua função profissional de educar. É como se a pessoa possibilitasse uma auto-violência-psicológica contra a sua identidade de professor(a), expressa nos sentimentos de desqualificação, “estresse”, desilusão, baixo auto-estima, sentimentos descritos nos estudos de Reinhold.(In: Lipp, 1996).

A criança e o adolescente presentes no interior da pessoa do professor emerge no ATO da violência psicológica, portanto, a criança ferida, rejeitada, humilhada, magoada, autoriza o desempenho do seu próprio papel a reagir com autoritarismo, enfrentamento, tentando subjugar, “para colocar o aluno no seu lugar(...).”

Para Morin (2002), “ensinar a condição humana”, deve ser o objeto essencial de todo o ensino. Unidades complexas, como o ser humano ou a sociedade, são multidimensionais, portanto o ser humano é entendido como constituído enquanto ser físico, biológico, psíquico, cultural, racional, afetivo, social, histórico; é uma unidade complexa da natureza humana e que não pode continuar sendo desintegrado na educação por meio de disciplinas que não lhe conferem o significado do status de ser humano, de sua identidade comum a todos os outros seres humanos.

Há que se priorizar na relação professor-aluno uma orientação valorativa, normativa e comportamental que privilegia a convivência social e seu contexto: *o ethos* democrático. Este é o nosso desafio enquanto educadores: construir uma escola que tendo consciência da complexidade humana (Morin, 2000) possa auxiliar os alunos na sua evolução como seres éticos .

A análise de Santos Neto (2002), em seu livro “Educação e complexidade”, aborda o importante papel do educador, identificando algumas contribuições pedagógicas nas idéias de Edgar Morin<sup>5</sup> e Dom Bosco<sup>6</sup>, demonstrando principalmente que, neste tempo de crise, precisamos de “educadores de coração humano muito grande, educadores de coração humano complexo muito grande. Isto quer dizer que a pessoa do educador é, também, responsável pela consciência de sua complexidade e pela consciência do outro enquanto educando.

Assim podemos entender que o trabalho educativo do professor não pode conter, de forma alguma, em seu bojo, o rancor, a rispidez, o mau humor, o desrespeito, a ofensa, o cinismo, o autoritarismo que humilha e envergonha. Enfim, o professor deve ensinar a condição humana, individual e coletiva. Eis aqui um desafio para todos os professores, comprometidos com o “agir pedagógico” que privilegie, interventivamente, o vínculo pessoal saudável, a tolerância, a capacidade de cuidar do outro e se deixar ser cuidado. Esta é uma tarefa qual devemos disseminar em nossas reflexões sobre as ações que permeiam nossas práticas educativas: a pessoa do professor enquanto profissional do desenvolvimento de “corações e mentes”.

Presença, paciência, resgate da espiritualidade, desenvolvimento da consciência ecológica e planetária são valores imprescindíveis à ação educativa; por isso “como educadores, precisamos mergulhar nos vários aspectos da existência humana, que também nos escapam à lógica e à racionalidade.(Santos Neto, 2002, p. 41).”

<sup>5</sup> Edgar Morin (1921).Entre muitos outras obras escritas desde 1946, a partir de 1999 o autor de forma sistematizada, começa a publicar suas idéias acerca da Educação, entre elas: “**Cabeça bem feita**”, “**Os sete saberes necessários a educação do futuro**”, “**Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da Universidade e do Ensino Fundamental**”, “**Que saberes ensinar nas escolas**”, “**A inteligência da complexidade**”, “O pensamento complexo; Edgar Morin e a crise da modernidade”.

<sup>6</sup> Dom Bosco (1815-1888).A filosofia de educação de Dom Bosco(...) enumera alguns critérios muito válidos para todos os tempos como causas do sucesso educativo ou não. O afeto era a regra das relações educativas. A proximidade entre educador e educandos era a fiança de uma vida alegre, serena, segura e cheia de entusiasmo para o compromisso e para a prática do bem (...) Cf. Afonso de Castro(2002) **Carisma para educar e conquistar**. São Paulo: Salesiana, p. 183. “O sistema preventivo na educação dos jovens”In: João Modesti:**Uma pedagogia perene**(1984)São Paulo:Salesiana.



Ao trazer esta compreensão para o fenômeno da Violência Psicológica na relação professor-aluno, destacamos como intenção fundamental o desenvolvimento da auto-consciência, da compreensão da complexidade condição humana como parte de um processo de esclarecimento e emancipação, propósito da Teoria Crítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam . et alii.(2002) **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO.
- ADORNO, Sergio. (1988) **Violência e educação**. Caxias do Sul, V Simpósio Municipal de educação. p.3-25. (mimeo).
- AZEVEDO M. Amélia e GUERRA, Viviane.(2001). **Mania de bater**: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paul: Iglu.
- \_\_\_\_\_.(2001b). **Violência psicológica doméstica**: vozes da juventude. Livro eletrônico disponível no link [www.ieditora.com.br](http://www.ieditora.com.br)
- \_\_\_\_\_.(1998). **Guia do Telecurso de Especialização**: módulo1A/B. IPUSP.
- BABBIE, Earl. (1999) **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: UFMG.
- BARDIN, Laurence. (1977) **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BOWLBY, John.(1990) **Apego**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BRASIL, Leis etc. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. ECA**: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e de outras providências. Decretado pelo Congresso Nacional e Sancionado pelo Presidente da República – Fernando Collor de Mello.
- CASTRO, de Afonso. (2002) **Carisma para educar e conquistar**: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana. São Paulo: Salesiana.
- CARVALHO, Marília Pinto de.(1999) **No coração da sala de aula**: gênero e trabalho docente nas séries iniciais.São Paulo: Xamã.
- CHAUÍ, Marilena 1985)**Perpectivas antropológicas da mulher**. Rio de janeiro: Zahar, p 23-62.
- COLLARES, A . L. & MOYSÉS, M. A. (1996). **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez.
- EVANS, Patricia. (1996). **The verbally abusive relationship: how to recognize it and how to respond**. 2ª ed. Massachusetts: Adans Média Corporation: Holbrook.
- FORWARD, Susan e FRAZIER, Donna.(1998) **Chantagem emocional**: quando as pessoas ao seu redor usam o medo, a obrigação e a culpa para manipular você. Rio de Janeiro: Rocco.
- GIL, E. (1984) **A book for and about adults abused as children**. San Francisco: Launch Press.
- GRASSANO, E. (1996) **Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas**. São Paulo:Casa do Psicólogo.
- HART, S. N.; GERMAIN, R. & BRASSARD, M. R. (1987). The challenge: To better understand and combat psychological maltreatment of children and youth. IN M. R. Brassard, R. Germain, & S. N. Hart (Eds), **Psychological Maltreatment of Children and Youth**. New York: Pergamon Press.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (org) (1992) **Vida de professores**. Portugal: Porto Editora.



- IWANIEC, Dorota. (1996) **The emotionally abused and neglect child**: identification, assessment, and intervention. England: John Wiley & Sons Ltda.
- KLEPSCH, Marvin e LOGIE Laura. (1984) **Crianças desenham e comunicam**: uma introdução aos usos projetivos dos desenhos infantis da figura humana. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LA TAILLE, Yves de.(1999) (2002) **Vergonha, a ferida mortal**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- LIPP, Marilda (org). (1996). **Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco**. Campinas, São Paulo: Paurus.
- MARTINEZ, Silvia Alicia. Questões de gênero e formação de professores/as. In:
- MODESTI, João. (1984). **Uma pedagogia perene**. 2 ed. São Paulo: Salesiana.
- MORIN, Edgar. (2000). **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 2ªed. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_ (2002) **Em busca dos fundamentos perdidos**. Porto Alegre: Sulina.
- PATTO, Maria Helena S.(1996). **A produção do fracasso escolar**. São Paulo:T. A. Queiroz.
- \_\_\_\_\_. (1981) **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz.
- REINHOLD, Helga.(1984). Stress ocupacional do professor. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Campinas. PUCAMP, Instituto de Psicologia.
- RÚDIO, Franz Victor (1990) **Influência do professor como fator de educação dos alunos**. Fev. MIMEO.
- SAFFIOTI, Heleieth.(1987) **O poder do macho**. São Paulo: Moderna.
- SANTOS NETO, Elydio.(2002) **Educação e complexidade: pensando com Dom Bosco e Edgar Morin**. São Paulo: Ed.Salesiana. (Coleção Viva Voz)
- TARDIVO, L.S.P.C. (1998) **O Teste de Apercepção Infantil e o Teste das fábulas de Duss**. São Paulo: Vetor.
- TOMKIEWICZ, Stanislaw. (1997) Violences dans les institutions pour enfants à l'école et à l'hôpital. In: MANCIAUX, Michel et al.(org). **Enfances en danger**. Fleurus, Paris.pp. 309-368.